

Minha vó branca: amor, violência, amor^[1]

My white granny: love, violence, love

FERNANDA CARRERA

Professora da Escola de Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ, e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq - Nível 2 e Líder do LIDD - Laboratório de Identidades Digitais e Diversidade (UFRJ).

RESUMO

Este texto é uma tentativa de pensar sobre o amor e suas complexidades raciais a partir da minha avó branca, matriarca de uma família interracial. Em uma tentativa de pensar o amor como habilidade social, construo aqui um caminho teórico para a compreensão dos impactos do racismo e dos sentidos sobre raça para as dimensões afetivo-sociais que enlaçam as famílias e as interações, em uma tentativa de entender que o amor nunca é um dado concreto, mas é sempre um processo de aprendizado atravessado por mecanismos socioculturais fundamentais e complexos. Ao entender que o amor pode ser uma rede intrigante de conexão entre afeto e violência, tento nesse texto realizar uma homenagem à sua profundidade, apontando com fascínio para a natureza labiríntica de seu funcionamento.

Palavras-chave: amor; racismo; violência racial; famílias interraciais

ABSTRACT

This text is an attempt to think about love and its racial complexities based on my white grandmother, the matriarch of an interracial family. In an attempt to think of love as a social skill, I build a theoretical path to understanding the impacts of racism and the meanings of race on the affective-social dimensions that bind families and interactions, in an attempt to understand that love is never a concrete fact, but is always a learning process crossed by fundamental and complex sociocultural mechanisms. By understanding that love can be an intriguing network connecting affection and violence, I try in this text to pay homage to its depth, pointing with fascination to the labyrinthine nature of its functioning.

Keywords: *love; racism; racial violence; interracial families*

Fui com minha prima à Itaparica. Nunca tive hábito de ir à ilha, mas agora, com tanto tempo longe de Salvador, preciso ainda mais da ajuda dessa prima, que é minha guia sempre por lá. *Aproveito e também vejo minha tia*. Minha prima se referia a minha vó, que mora em Itaparica com meu tio há alguns anos e é irmã da mãe dela. Minha vó. Olga. A gente estava indo visitá-la.

Aos 94 anos, minha vó está completamente lúcida, com uma memória implacável, acho que para combinar com seu jeito de ser. Mas não enxerga mais e tem muita dificuldade de ouvir, embora nenhuma dificuldade de falar. O apelido dela, desde criança, é Calada. A ironia nasceu na Bahia. Até hoje, minha vó tem muito a dizer. Naquele dia, enquanto acariciava a minha mão, contava sobre a sua madrasta, que ela tem como uma pessoa muito má. No relato sobre a crueldade da mulher que casou com seu pai, entoou alto, forte e decidido: *aquela preta suja*.

Enquanto problema de pesquisa, as famílias interracialis podem ser muito interessantes para a compreensão do domínio mais profundo da raça. Os trabalhos de Schucman (2018) e Sansone (1996) já apontaram para a complexificação da percepção racial quando afetividades, laços familiares e relações pessoais estão envolvidas. Embora o debate sobre raça e racismo possa ser fundamentado por questões macrossociais e políticas, é na dimensão cotidiana que reside a potência escondida, isto é, aquilo que alicerça e estrutura a construção das subjetividades, a produção da discriminação e, por conseguinte, oferece os caminhos para a criação de práticas de resistência, mas não é nem um pouco óbvio e facilmente identificável. A família, como grupo social primário, é fonte relevante para compreender estas relações ordinárias e complexas, mostrando que, quando raça está envolvida, a violência pode vir como uma declaração de amor.

Em *The Color of Love: Racial Features, Stigma, and Socialization in Black Brazilian Families* (2015), Hordge-Freeman aponta para a importância da família para a compreensão das relações raciais no Brasil, sobretudo as famílias inter-raciais. Em uma instituição construída com base na ideia de amor e afeto incondicionais, "*what love looks like often depends on what you look like*" (Hordge-Freeman, 2015, p. 71)^[2]. Nesse sentido, embora muitos estudos estejam interessados em compreender os casamentos interracialis com foco nas motivações de sujeitos racializados e suas práticas de miscigenação com vistas ao embranquecimento (Barros, 2003), poucos trabalhos se interessaram pelo entendimento das práticas dos sujeitos brancos nestas relações e seus impactos para a subjetividade, sobretudo, negra (Schucman, 2018, Pacheco, 2006).

Em uma família interracial, o amor é entrecortado e complexificado pela cor da pele e pelos traços de racialização que impregnam nos corpos e nos comportamentos. O amor, nestes casos, é contaminado pelas narrativas de discriminação e afeta tanto os sujeitos brancos, nas tentativas de atenuação da raça daqueles que amam, quanto os sujeitos racializados, que ora acreditam que aumentarão suas chances de serem amados caso minimizem seus traços raciais, ora reconhecem

que o tipo ou o tamanho do amor que receberão terá, sempre, um sabor amargo de violência. É o amor que o branco pode dar.

O casamento de minha vó com meu avô negro é um clichê racial: ele, muito pobre, ela não. Um namoro proibido pelo pai dela, um casamento atravessado pelas lógicas complexas de gênero, classe e raça. Minha vó casa com meu avô negro e conhece, de perto, a pobreza que seu pai apontava como inevitável. Ela se ressentia a vida inteira e, sempre que possível, usa a sua branquitude como arma tanto para agredir o marido e garantir o alívio do ressentimento, quanto para sobreviver à relação de gênero que (ainda mais na sua época) a colocava em desvantagem. No entanto, a complexidade das relações que se constroem a partir deste casamento talvez seja impossível de se compreender por completo, sobretudo porque trago interpretações e percepções a partir das minhas experiências e das experiências relatadas por minha mãe.

Nessa visita que fiz a minha vó na ilha, pedi pra ela repetir algumas histórias que sempre contou durante as reuniões familiares. Uma delas é quando minha mãe, com pouco mais de três anos, ouviu a história do amor proibido dos dois, em virtude da pobreza do meu avô (para ela, somente a questão de classe era o problema), e disse: *tadinho de painho*. Essa frase, dita por minha mãe ainda muito jovem, parece que acompanhou a sua vida até hoje, porque as violências raciais e de classe que minha vó cometia eram, para ela, mais perceptíveis que as violências de gênero que meu avô praticava com a esposa (mais reservadas ao quarto e ao seu comportamento sexual fora de casa). Claro, minha mãe tinha a cor do pai e conheceu a pobreza de perto desde criança; ela se identificava muito mais com ele. Nas violências raciais de minha vó, quando chamava a filha de “nigrinha”, minha mãe corria para o colo do seu pai, que a protegia e afagava. Meu avô dizia: *Não se preocupe, minha filha. O que faz a cor é o cabelo*. Os dois, com cabelo liso, achavam que estariam protegidos da cor pelo traço mais branco de seus corpos. Apegados a essa tentativa de sobrevivência, construíram amor e identificação a partir dos impactos do racismo.

Eu não fiz essa pergunta a minha vó, mas possivelmente ela não classificaria seu marido e sua filha como negros, até porque sempre evitou o assunto. Apesar das suas práticas raciais violentas ao longo da vida, aqui no relato parecem mais explícitas do que eram, na verdade. A violência racial no contexto do amor familiar é sutil e se manifesta como uma tentativa de cuidado e afeto, muitas vezes. Foi ela a primeira pessoa a me dizer *fica apertando o nariz que quando você crescer ele vai afinando*, e essa dica foi corroborada por minha mãe, como um aprendizado que ela passava, agora, para a outra geração. No beabá da raça, minha vó iniciou a alfabetização racial da família sem que quase ninguém se desse conta.

Acompanhando a perspectiva de Sansone (1996), minha vó pode tentar negar a racialização da filha e do marido utilizando atenuações discursivas como “moreno” e “escurinha”, como forma também de justificar a potência do seu afeto pelos dois. No amor inquestionável que ela sentia

pelo meu avô e por minha mãe, não haveria espaço para racialização, a não ser aquela que, por vezes, escapava da sua boca. O racismo em pessoas brancas que nutrem afeto por pessoas negras é, para elas, quase uma prova de amor: é acionado como uma exposição da força de um sentimento que sobreviveu ao *defeito* do outro. Nesse sentido, muitas vezes o argumento pelo daltonismo racial (não vejo cor) é a forma mais comum de o sujeito autorizar a si mesmo a amar pessoas racializadas. Já para pessoas negras, o racismo nas relações afetivas com brancos pode soar como um gosto amargo inevitável em um amor que, pelo menos, apareceu.

Nesse sentido, parece fundamental perceber o amor como habilidade social, sobretudo quando são compreendidas as experiências interseccionais de subordinação. O amor é um aprendizado, um processo de treinamento, desde a infância, que nem é fácil nem é dado gratuitamente. Enquanto habilidade social, é construído culturalmente e pressupõe códigos e posturas que são ensinados, passados adiante e praticados diariamente para o alcance da memória e da repetição. Em contextos racialmente marcados, de que forma é possível amar senão pela impregnação dos códigos hierarquizantes de raça?

A perspectiva cultural circulante sobre o amor, sobretudo aquela que é explorada midiaticamente, atribui às pessoas que amam uma inevitabilidade natural, como se o amor fosse algo impossível de escapar; o amor cairia sobre as nossas cabeças e, imediatamente, todos aqueles que sentissem o peso da sua importância saberiam o que fazer. Perceber o amor como habilidade social é compreender que ninguém sabe o que fazer com o amor, assim como ninguém sabe o que fazer com uma fórmula de Bhaskara, a não ser que alguém ensine. E se fórmulas matemáticas podem ser problematizadas fora das Ciências Exatas, há que se entender que os sentidos sobre o amor são diversos na medida em que são diversas as pessoas que ensinam e aprendem sobre ele. O aprendizado, portanto, fundamental, não se dá somente pelas aulas assistidas, mas pela prática diária do conhecimento. A quem é permitido essa prática? Enquanto habilidade social, que se adquire e se pratica em contexto sociocultural marcado, o amor é inscrito racialmente.

Em famílias interracialis, considerando apenas as diferenças em torno da raça (que são, claro, atravessadas por outros marcadores identitários), como pensar o amor em uma dimensão monolítica e homogênea? Há diferenças fundamentais que impregnam nas relações e direcionam os significados do que aqui resumimos em uma palavra. O amor oferecido por pessoas brancas, sobretudo quando estão inseridas no topo das hierarquias familiares – como mães, pais, avós –, muitas vezes é uma mistura complexa de afeto e agressão, mesmo que a violência racial esteja materializada na negação da diferença. Qual o impacto, portanto, que este aprendizado sobre o amor pode causar em pessoas negras? Se o amor deixa de ser incondicional e apresenta desvios que podem enfraquecê-lo, o que o sujeito faria para continuar sendo amado? De que forma a

expectativa da violência não fundamenta as relações amorosas de pessoas que foram educadas nesse ambiente complexo, com códigos de dor e afeto em constante embaralhamento?

Ao pensar o amor sob os pressupostos das habilidades sociais, é possível reconhecer o seu caráter interacional e simbólico, imbricado às tecnologias socioculturais das relações. O modelo das habilidades sociais de Michael Argyle (1976), que propõe um mapeamento dos processos fundantes das interações, pode ser interessante para a problematização do amor, aqui iniciada a partir do contexto racial e complexificada por marcadores interseccionais. Argyle (1976, p. 214) sugere que as habilidades sociais exigem “cadeia de mecanismos sensoriais, centrais e motores”, isto é, necessitam de certas competências para o alcance do objetivo interacional, que nunca deixa de estar em jogo. Embora pareça pragmático demais pensar no amor a partir de seu caráter funcionalista, é interessante notar que, de fato, a dimensão objetiva do amor muitas vezes é mobilizada tanto para justificar as uniões quanto para explicar as dissoluções do contrato amoroso. O que se faz, de fato, com o amor?

No modelo das habilidades sociais, Argyle (1976) aponta, como pressuposto fundamental, a perspectiva funcional das interações, isto é, os objetivos, as motivações para o contato social. Todos os tipos de interação social pressupõem objetivos, finalidades, tanto para o percurso da relação quanto para a imagem dos sujeitos. É interessante notar, como já apontou Schucman (2018), que na dimensão do amor, muitos estudos tentaram compreender as motivações de pessoas negras para o casamento com brancos, reconhecendo o embranquecimento familiar como uma tentativa de adequação à miscigenação compulsória em um contexto histórico racista, como a ideia de “limpar o sangue” no Brasil (Gonzalez, 1988, p.73); mostrando a estratégia de ascensão social, com vistas à participação no mundo confortável da branquitude (Carneiro, 1995); e até mesmo apontando para a questão da falta de escolha, em um contexto racial de preterimento, como no caso das mulheres negras (Pacheco, 2008). Embora haja validade nestas discussões, há pouca problematização a respeito do outro lado da moeda: as motivações de pessoas brancas para o casamento interracial. Na dimensão do poder, existe tanto aquele que deseja alcançá-lo quanto aquele que deseja exercê-lo.

“Todos ansiamos por amor – todos o buscamos -, mesmo quando não temos esperança de que ele possa ser encontrado” (hooks, 2021). O amor é, por si só, a sua própria motivação. Vivemos na sua expectativa e construímos sentido sobre a sua existência mesmo sem nunca termos sentido o seu impacto diretamente. A expectativa do amor já é impactante o suficiente. No entanto, no domínio da raça, esta busca pelo amor, embora aconteça de modo simultâneo para brancos e negros, percorre caminhos completamente diferenciados. Lia Vainer Schucman, em “Estudo Psicossocial da Branquitude” (2014), mostra como mulheres brancas heterossexuais que divergem do padrão estético vigente – como mulheres gordas, por

exemplo - acreditam que podem conhecer o amor mais com homens negros do que homens brancos. Ao reconhecerem a hierarquia racial que as coloca em vantagem em relação a homens negros, entendem que mesmo homens negros “muito bonitos” olham para elas como uma possibilidade afetivo-sexual, o que não acontece com homens brancos do mesmo nível de “beleza”. Nesse sentido, é interessante notar que a motivação de pessoas brancas pelo amor interracial também pode obedecer a um certo domínio de “ascensão social”, mesmo que não necessariamente na dimensão de classe.

Nesse sentido, é interessante atribuir ao pensamento interseccional um papel chave na compreensão das relações raciais, entendendo que a raça está entrecruzada a outros marcadores sociais que podem complexificar as motivações tanto de pessoas brancas quanto de pessoas negras nas suas relações. Homens brancos fora do padrão, atravessados por opressões de classe, peso, território, idade ou geolocalização, portanto, podem perceber o casamento interracial também como uma forma de acesso a um privilégio branco e masculino que, na sua totalidade, não tinham ainda conseguido usufruir. É nesse contexto que as violências de gênero e raça podem ser utilizadas por eles como a performance de poder primordial; aquela que os colocará como pares e semelhantes daqueles que sempre almejaram ser. Não é à toa que, de fora, podem parecer possuir autoestima exagerada, como se não fossem tocados também pela força da pressão social nos seus atravessamentos. Na verdade, estão munidos do aprendizado performativo de gênero e raça e, no contexto do casamento interracial, aproveitarão cada minuto para colocarem em prática.

Nesta perspectiva interseccional, portanto, mulheres brancas seguem na mesma direção, como apontou Schucman (2014). O trabalho da pesquisadora deixou evidente que, no âmbito das relações interpessoais, não é prudente pensar em categorias identitárias fixas, sem entendê-las dentro dos seus contextos de interação e construção subjetiva. Mulheres brancas gordas, com deficiência, atravessadas por marcadores de idade, classe ou território, também podem apresentar motivações diferenciadas para o casamento interracial, e, muitas vezes, também podem expor, a partir das suas escolhas, uma tentativa de acesso ao amor e, claro, a dinâmicas de poder. Aliás, se pensarmos apenas na hierarquia racial e de gênero, mulheres brancas olham na direção dos homens brancos que estão a sua frente, portanto, seu espelhamento performativo de poder é aquele exercido por eles. Nesse sentido, o casamento interracial com homens negros pode ser uma tentativa de equiparação de poder e atenuação da desigualdade de gênero, que – elas sabem – pode ser extremamente violenta. Seu privilégio racial, então, convém tanto para adentrar na experiência do amor romântico, culturalmente colocada como indispensável às existências humanas, como para ser uma carta na manga que, caso necessário, será acionada para devolver – ou antecipar – qualquer ataque.

Além da motivação, o modelo de Argyle (1976) prevê o que chama de “percepção de pistas”, fundamental para o percurso bem-sucedido das relações. Conseguir identificar e interpretar os efeitos de sentido dos seus próprios comportamentos sociais seria, então, um dos atributos mais importantes da habilidade social. Isto é, reconhecer os rastros comportamentais do outro, que deixam pistas de suas interpretações e construções de sentido, é um dos processos essenciais para antecipar e evitar mal-entendidos, decepções e imprecisões nas interações. Na conjuntura do amor e das relações interracialis, é muito interessante perceber que, na dimensão da raça, pessoas negras estão mais propensas a entender as entrelinhas.

O amor enquanto habilidade social pressupõe, portanto, uma certa competência sensível para a interpretação dos efeitos sobre o outro. Se o amor, portanto, está atravessado por raça, é compreensível que aqueles que convivem mais com os efeitos do racismo possam reconhecer quando a violência racial chegou. Mas é interessante perceber que, em famílias interracialis, muitas vezes o efeito de sentido sobre racismo em pessoas negras pode ser minimizado por pessoas brancas, que atribuem a qualquer violência racial percebida pelo integrante negro, outra causalidade aleatória. Pessoas racializadas, ao contrário, estão acostumadas a perceber as pistas, porque sabem que o racismo não se apresenta somente a partir de ataques explícitos, mas é no cotidiano das sutilezas que mostra sua potência mais radical.

Lembro de um amigo contar sobre como não se sentia confortável na casa da sua avó branca, uma vez que se sentia excluído e preterido em relação aos primos. Sendo o único de pele escura, cresceu ouvindo racismo recreativo naquele ambiente, assim como os enaltecimentos às características brancas dos primos preferidos (o primo loiro que “parece um anjinho”, por exemplo). Nunca havia sofrido violência racial explícita, mas somente *sentia* que não pertencia àquele lugar. Sem saber direito como explicar a vontade de não frequentar a casa da avó, percebeu rapidamente que sua mãe branca não percebia os olhares diferentes que ele recebia, assim como nunca entenderia seus motivos. Embora ele não questionasse o amor da sua avó, que para ele parecia genuíno, sentia que aquele amor poderia ser um pouco maior se não fosse pelo tom da sua pele.

Pessoas brancas, portanto, na dimensão racial do amor, estão mais no polo da oferta de pistas que na percepção dos seus efeitos sobre o outro. Estão constantemente entregando pistas da sua racialização privilegiada e do seu poder racial em relação às pessoas negras do relacionamento, mas não estão tão determinadas a reconhecer quando são expostas. Para uma menina negra, é extremamente potente ouvir de sua mãe ou de suas tias, por exemplo, que a sua prima branca tem *cara de princesa* e ela não, mesmo que esta mãe e estas tias sejam figuras extremamente amorosas e acolhedoras em outros contextos. Se a criança negra aponta para o racismo nesta fala, possivelmente será lembrada deste contexto acolhedor, desacreditada da sua percepção de racismo, e sentirá que, inclusive, seu apontamento é deveras infantil.

No aprendizado sobre o amor, pessoas negras, então, entendem que possuem poucos recursos de poder nas relações, e podem sentir que estão correndo o risco de perder o afeto do outro a qualquer momento. Se aprenderam que o seu deslize está registrado na sua pele, de que forma poderão ultrapassar a si mesmos para serem merecedores daquele amor? Nesse sentido, podem se agarrar a qualquer oportunidade de acesso a poder e autoestima, mesmo se for através dos seus outros marcadores interseccionais. Homens negros, portanto, podem apelar para a violência do seu poder de gênero na tentativa de demonstrar que não são inferiores a suas parceiras brancas; mulheres brancas apelam para violência racial para responder à desigualdade de gênero; assim como mulheres negras, no domínio da sua vulnerabilidade de gênero e raça, precisam se agarrar a qualquer atravessamento possível de poder que perpassa seus corpos e subjetividades, como idade, geolocalização e colorismo, por exemplo.

De acordo com Argyle (1976, p. 218), as habilidades sociais também preveem “processos de tradução centrais”, isto é, um certo reconhecimento das performances sociais adequadas e determinadas culturalmente para cada sujeito, motivação, contexto e lugar. Esta compreensão “do que fazer” é apreendida com as interações, nas tentativas e nos erros, observando os comportamentos e seus efeitos. Nesse sentido, são atribuídos alguns sentidos comuns para a ideia de um todo social mais ou menos homogêneo, capaz de ser acionado para se antecipar a melhor forma de interação. É de certa forma uma generalização necessária à construção das relações, no sentido que é a partir dela que se constroem as repetições, as performances adequadas e os desvios. Mais uma vez, é preciso falar sobre o amor.

No amor interracial entre pessoas privilegiadas racialmente e outras oprimidas na mesma dimensão, há pelo menos dois processos de tradução a respeito destes sentidos comuns e generalizantes das tradições socioculturais. Um do polo do poder e outro do polo da sobrevivência. O amor, por si só, é uma experiência aprendida por meio da socialização, e, cada um destes sujeitos aprendeu e construiu camadas sobre o amor a partir de lugares próprios. O amor midiaticizado e circulado culturalmente parece destituído de particularidades e é apresentado em seu estado uniforme, impecável, justo e exemplar. Mas só alguns o acessam de verdade para conseguirem perceber que o amor, assim, é uma falácia. Alguns amam quem quiserem amar e são amados sem esforço; outros amam a quem é possível amar, a quem lhe oferece esta oportunidade.

Como reconhecer os sentidos generalizantes do amor se você não entrou em contato com este todo unificado? Como aprender sobre os limites tênues entre o amor, o controle e a manipulação? Como reconhecer quando não é amor, especificamente, mas sim a eterna busca por ser amado? No polo do privilégio, o amor pode se apresentar em diversas camadas, com diversos rostos, diferentes personalidades, atitudes e motivações. Pode se mostrar frágil, forte, complexo e profundo. Pode ser, portanto, compreendido, problematizado e, inclusive, recusado.

Não há privilégio maior que sentir-se apto a recusar o amor. No polo da sobrevivência, muitas vezes sobrevive-se, exatamente, ao amor. Porque o amor se mostra, quase sempre, envolvido em camadas de violência. Saberíamos reconhecer quando o amor vem sem este véu onipresente? Neste contexto, não há oportunidade para conhecer toda a complexidade do amor, todos os seus códigos, seus desvios significantes, não há chance para apropriações e construções de sentido únicas. Para quem não teve a oportunidade de experimentar as diversas modulações do amor, seria possível reconhecer suas nuances?

Como não paramos aqui de falar de raça, é preciso apontar para a importância do colorismo para esta compreensão do amor como habilidade social. No polo da sobrevivência, parece que todas as pessoas racializadas experimentam o amor a partir do mesmo lugar e isso não é verdade. Embora seja possível reconhecer que pessoas negras de pele clara muitas vezes acessam a hiperssexualização e não o amor, ou um amor sempre com ressalvas, é inegável que quanto mais carregado de códigos raciais negros é o corpo, mas distante ele se vê do afeto e do amor, sobretudo aquele que a cultura impõe idealizar. Acessar o amor, mesmo na sua forma mais superficial, em alguma medida garante um certo aprendizado; acessar as diversas intensidades e manifestações do toque, do desejo sexual, do processo de desenvolvimento afetivo permite alcançar um grau a mais na escola exclusivista do amor. Esse pequeno aprendizado, muitas vezes, pode ser a chave para o reconhecimento e a fuga de algumas crueldades brancas.

Os dois últimos processos fundamentais do modelo de habilidade social de Argyle (1976) são “respostas motoras” e “ação corretiva”, que também podem ser acionados aqui para a compreensão do amor interracial e seus impactos subjetivos. O primeiro diz respeito ao processo de automatização das respostas sociais a partir do aprendizado adquirido durante as interações, que pode levar à perda de controle sobre os efeitos de sentido dentro das especificidades dos contextos; e o segundo é a capacidade de apresentar ferramentas de ajuste e reparação, caso haja algum desvio indesejado. No contexto racial do amor para pessoas negras (sobretudo mulheres), as respostas motoras podem dificultar a sua entrega ao amor tranquilo, uma vez que o repertório apreendido sobre ele envolve camadas de conflito que não estão ali reconhecidas; assim como as ações corretivas são dependentes de processos profundos de autoconhecimento que nem sempre são acessíveis.

As respostas automatizadas são resultados interacionais rápidos e irrefletidos porque já pressupõem um estímulo, que no aprendizado social foi frequente, e um retorno, que por muitas vezes foi eficaz. No contexto das mulheres negras, por exemplo, quando são socializadas em contextos de pouco afeto e muita violência, ou até mesmo quando demoram a conhecer e experimentar relacionamentos afetivo-sexuais em virtude do racismo, podem desconfiar de amores muito tranquilos, porque não parecem reais. Como resposta automatizada, podem

responder com rispidez ao amor que chegou, imaginando que por detrás daquela capa enganosa, esconde o amor que já conhecem: aquele que as faz sofrer. Podem, inclusive, emendar testes atrás de testes para esse amor estranho que se apresenta, em uma tentativa de tirarem dele o véu imaginário que seu aprendizado social violento as fez acreditar ser inevitável. A rejeição é seu sentimento familiar, assim como é o abandono o seu amigo mais íntimo. Como, agora, podem aprender a responder a este afeto doce, presente e seguro? Se só aprenderam amor, violência, amor, como saberão lidar com esta monotonia de amor, amor, amor?

Embora apresente aqui mais a dimensão do amor romântico, acredito que a problematização racial do amor passa por relações de amizade, de maternidade, paternidade e tantos outros arranjos possíveis para as interações que envolvem afeto e proximidade. Lembrei de uma amiga que, ao recuperar na memória suas relações de amizade atuais, percebeu que havia se afastado de todas as suas amigas negras e preservado seus amigos brancos do tempo de escola, apesar de todas as violências que reconhecia ainda existir naqueles vínculos. Como resposta automatizada, percebeu que não somente já tinha naquele amor branco e violento, inevitavelmente, a familiaridade e o conforto que desejava, como provavelmente tinha idealizado tanto as suas amigas negras como válvulas de escape daquele contexto que acabou as desumanizando. No final, terminou se percebendo mais compreensiva e tolerante com os amigos brancos que os negros, acompanhando o aprendizado racial de toda a sua vida.

Escolho, portanto, o gancho das relações interracialias para falar de amor porque estas relações me parecem representativas da complexidade desta palavra. Embora tenhamos o apreço por atribuir sentidos maniqueístas às pessoas, dificilmente é possível reduzi-las tão facilmente, sobretudo no impacto subjetivo das nossas vidas pessoais. Minha vó é uma das pessoas mais importantes da minha vida, justamente porque participou ativamente dela em toda a sua profundidade, desde sempre. Esteve presente cotidianamente na minha formação e construiu, junto com minha mãe e meu pai, os sentidos de amor que eu e meu irmão carregamos até hoje. Me chama ainda de *gata amarela*, em referência a minha cor, assim como meu irmão de *macaco-prego*, acredito que na mesma direção de pensamento. Nesse emaranhado de amor, violência, amor, eu alimento muita saudade por estar longe, coletando nas memórias todos os sentidos de presença que me forem possíveis à distância. Ontem lembrei do bolo de milho que ela me fazia. Hoje escrevo um texto em sua homenagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGYLE, M. A interação social: relações interpessoais e comportamento social. Rio de Janeiro: Zahar, 1976
- BARROS, Z. dos S. Casais inter-raciais e suas representações acerca de raça. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003
- CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. *Estudos feministas*, v. 3, n. 2, p. 544, 1995.
- GONZALEZ, Lélia. “A categoria político-cultural de amefricanidade”. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988
- hooks, b. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.
- HORDGE-FREEMAN, Elizabeth. The color of love: Racial features, stigma, and socialization in black Brazilian families. University of Texas Press, 2015.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar?: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. Tese de Doutorado em Ciências Sociais: IFCH, Campinas, 2008.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. Raça, gênero e relações sexual-afetivas na produção bibliográfica das ciências sociais brasileiras: um diálogo sobre o tema. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 34, p.153-188, 2006
- SANSONE, Livio. Nem somente preto ou negro: o sistema de classificação racial no Brasil que muda. *Afro-Ásia*, n. 18, 1996.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor / Lia Vainer Schucman. - Salvador: EDUFBA, 2018, 146 p.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. *Psicologia & Sociedade*, v. 26, p. 83-94, 2014.

[1] Este artigo é resultado de pesquisa financiada pela FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro e do apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq por meio da bolsa produtividade em pesquisa – Nível 2.

[2] O que o amor se parece pode depender, frequentemente, do que você se parece (tradução nossa)